

## **A História e a escrita da História: Uma análise sobre o papel que a narrativa exerceu no debate sobre o conhecimento histórico**

Makchwell Coimbra Narcizo  
Universidade Federal de Goiás  
Bolsista PIBIC  
E-mail: [Makch01@hotmail.com](mailto:Makch01@hotmail.com)

Si fingat, peccat in historiam; sin non fingat, peccat in poesin.

Aquele que inventa peca contra a história; aquele que não inventa peca contra a poesia. (J.C. Alsted)<sup>1</sup>.

### RESUMO

A reflexão sobre os limites e possibilidades da História, em sua tarefa de apreensão de fenômenos ocorridos no passado, passaram por importantes transformações no decorrer do século XX, estando no centro do debate nas últimas quatro décadas, em especial no que diz respeito de a narrativa ser uma ferramenta eficaz nesse intuito. No presente trabalho é analisada a repercussão que a problemática da narrativa teve dentro da comunidade dos historiadores, essa análise é feita em artigos publicados na revista "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*" no período compreendido entre 1987 e 1996.

Palavras-chave: Narrativa; História; Ficção

### ABSTRACT

The debate on the limits and possibilities of history, in its task of seizing the phenomena occurred in the past, gone through important transformations throughout the 20<sup>th</sup> century, being in the centre of debate over the last decades, in special in what concerns narrative as an efficient tool to this purpose. In the present work is analyzed the impact that the narrative problem has represented within the community of historians. This analysis is done using articles published by the journal "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*" in the period comprehended between 1987 and 1996.

keywords: Narrative; History; Fiction.

---

<sup>1</sup> ALSTED, J.C. Citado Por KOSELLECK, Reinhart. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. P. 247.

## Considerações iniciais

Ao iniciarmos uma discussão acerca da narrativa e o conhecimento histórico é necessário que se leve em consideração alguns aspectos, tais como: a problemática da narrativa estar intimamente ligado à questão da cientificidade do conhecimento histórico, toda sua luta para adequar-se a postulados científicos externos, trazendo consigo questões como: explicação x compreensão, lógica x retórica, sentido x referência, apreensão x representação, ou seja, a História ser capaz (ou não) de referir-se o passado. Esses aspectos são levantados por considerá-los importante na busca de uma compreensão das transformações no discurso referente à narrativa.

O presente trabalho será dividido em duas partes, sendo que, em um primeiro momento será levantado o histórico da questão da narrativa dentro da disciplina histórica, no qual destacaremos as principais transformações que esse passou. Em um segundo momento será analisado a repercussão que o tema teve dentro da comunidade dos historiadores, essa análise será feita em artigos publicados na revista "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*" no período compreendido entre 1987 e 1996<sup>1</sup>, considerando que, no âmbito da teoria da história, para se inserir no debate acerca da narrativa tem-se que publicar ou ao menos ler um artigo da referida revista.

### 1. História e narrativa

A reflexão sobre os limites e possibilidades da história em sua tarefa de apreensão de fenômenos ocorridos no passado, passaram por importantes transformações no decorrer do século XX, nesse momento daremos relevância as que estão intimamente ligados a narrativa, ou seja, as indagações e contribuições provenientes da reflexão em torno da ciência histórica e a narrativa.

---

<sup>1</sup> Essa delimitação é feita porque o presente trabalho é parte de um projeto maior, intitulado: "História e Narrativa: Uma análise da revista *History and Theory* (1976-1996)", o qual fora dividido em duas partes, um compreendendo o período de 1976 à 1986 e outro o período de 1987 à 1996, período que é separado ao presente trabalho.

## **1.1 O eclipse da narrativa**

Reconstruir os laços da história enquanto disciplina do conhecimento com a narrativa é trazer a luz a intencionalidade do pensamento histórico, o que obviamente causa desconforto a alguns, o que faz com que o debate acerca desses laços se arraste por mais de quatro décadas, estendendo-se até nossos dias.

É necessário considerarmos que há uma persistência na tradição da narrativa histórica, sendo a narrativa, presente na tentativa de orientação do homem ocidental frente ao tempo, o que podemos notar na seguinte citação:

Os historiadores sempre contam estórias. De Tucídides a Gibbon e a Macaulay, a composição da narrativa em prosa vívida e elegante sempre foi tida como sua maior ambição. Considerava-se a história um ramo da retórica. Nos últimos cinquenta anos, entretanto, essa função de contar estórias adquiriu má fama entre os que se viam como a vanguarda da profissão, os praticantes da chamada 'nova história' do período após a Segunda Guerra Mundial. (...) Contudo, atualmente detecto sinais de uma corrente subterrânea, que arrasta muitos dos proeminentes 'novos historiadores' de volta a alguma forma narrativa. (STONE, 1989, p. 8). (Tradução do autor).

A intenção aqui não é utilizar as palavras de Lawrence Stone para resumirmos a trajetória do discurso historiográfico desde seus primórdios no Ocidente, mas sim, destacarmos a presença da narrativa no fazer histórico desde o princípio, o que nos permite chamarmos de "eclipse" da narrativa, o fato do modelo narrativo de composição historiográfica ter sido suplantado por outro, concebido como uma história científica, entendendo como eclipse e não como uma extinção.

Veremos, portanto, em que resultou a contraposição da racionalidade metódica à qualidade estética da história (RÜSEN, 2001, p. 150), em outras palavras, como se deu o "eclipse" da narrativa.

### **1.1.1 A complexidade da relação**

A tradição francesa de historiografia, digo, a Escola dos *Annales* ou movimento dos *Annales* como preferem alguns, apesar das divergências metodológicas internas (BURKE, 1990, p. 93-107), trazem consigo um ponto de união: a rejeição a narrativa.

De um modo geral a historiografia francesa faz com que haja um deslocamento no objeto da História, como podemos notar nas palavras de Ricoeur:

Com a historiografia francesa, o eclipse da narrativa procede principalmente no deslocamento do objeto da história, que não é mais o indivíduo-agente, mas o fato social total. Com o positivismo lógico, o eclipse da narrativa procede, antes, do corte epistemológico entre explicação histórica e compreensão narrativa. (RICOEUR, 1994, p. 138).

Esse deslocamento deu-se de forma gradativa, sendo assim, analisaremos alguns nomes que contribuíram para essa mudança.

Com Raymond Aron, veio a crítica a asserção ao caráter absoluto do acontecimento histórico, ou seja, o acontecimento como aquilo que realmente aconteceu, como era amplamente aceito. Para Aron, não se podia ter qualquer ilusão retrospectiva ao fato histórico, pois para o autor o passado como efetivamente aconteceu está fora do alcance do historiador, o autor ressalta a impossibilidade de revivermos o passado. Com Aron começa a evidenciar-se o que pode ser entendido como um eclipse do acontecimento.

Braudel ao recusar uma história dos acontecimentos traz consigo uma recusa à narrativa, pois, para ele uma história factual só pode ser uma história narrativa, para uma melhor compreensão dessa recusa dos acontecimentos, é necessário que levamos em consideração que para o autor de "*O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Idade de Philip II*" o indivíduo é o portador final da mudança histórica, sendo assim, as mudanças mais significativas são as mudanças pontuais, pois são essas que afetam a vida dos indivíduos.

Qual é a resposta de Braudel as contradições apontadas por ele? Uma sobreposição de durações. Como poderemos notar a seguir:

É nesse contexto crítico que nasceu conceito de 'longo prazo' oposto ao de acontecimento, entendido no sentido de 'prazo breve'... 'A história

mais superficial é a história na dimensão do indivíduo, a história factual é a história com oscilações breves, rápidas, nervosas; é a mais rica em humanidade, mas a mais perigosa. Sob essa história desenrola-se uma lentamente ritmada' e seu 'longo prazo': é a história social, a dos grupos e das tendências profundas. Esse longo prazo é o economista que ensina ao historiador, mas o longo prazo é também o tempo das instituições políticas e das mentalidades. Enfim, mais profundamente escondida, reina uma 'história quase imóvel, a do homem e suas relações com o meio que o cerca'; para essa história é preciso falar de um tempo geográfico. (RICOEUR, 1994, p. 149).

A idéia de que os acontecimentos e os indivíduos devem ser superados será o ponto forte dos *Annales*. Braudel ao crer em uma história lenta das civilizações defende uma história com varias velocidades e conseqüentemente com várias durações. Os membros da Escola após Braudel foram profundamente influenciados pelo "longo prazo".

Discorreremos acerca da luta da historiografia francesa contra uma história factual para demonstramos conseqüentemente, uma rejeição a uma maneira diretamente narrativa de escrita da história.

Um ponto importante a ser destacado é que com as novas perspectivas de análise da história houve uma aproximação da História com disciplinas vizinhas, tais como: a Geografia, a Economia, a História Quantitativa e a Antropologia.

### **1.1.2 O eclipse da compreensão**

De igual importância para um estudo acerca da problemática que envolve a narrativa e o conhecimento histórico é o ataque contra a compreensão, promovido pelos partidários do modelo nomológico, que tem a mesma importância do ataque contra o acontecimento entre os historiadores do "longo "prazo".

A questão da compreensão está intimamente ligada ao problema dos estatutos científicos aos quais a História deveria adequar-se, pois, traz a preocupação de uma normatização da explicação em História. Entretanto, a disciplina histórica ainda não é uma ciência plenamente desenvolvida, os

pressupostos gerais que fundamentam sua ambição de explicar não têm a regularidade exigida para que essa seja considerada uma ciência plena.

Para Hempel, a História oferece apenas um “esboço de explicação”. Para o referido autor a História teria como objetivo explicar o destino da humanidade, o chamado “fim da história”, isso deveria ser feito por intermédio de “leis gerais”, sendo essas leis de cunho determinista, com seus padrões metodológicos oriundos das “ciências da natureza”. Podemos notar que para Hempel a História deveria adequar-se a essas chamadas “ciências da natureza”.

Após termos visto os ataques feitos a questão da compreensão em História, fica claro as ressalvas e as restrições impostas pelos adeptos do modelo nomológico e os conseqüentes limites impostos por esse modelo de História “cientificante” e sua contribuição ao enfraquecimento da categoria narrativa no interior da ciência histórica.

## **1.2 O retorno da narrativa**

A narrativa passa a ser tema central do debate em Teoria da História pelo fato de ficar subentendido que essa não é capaz de satisfazer as exigências de cientificidade postas pelo modelo nomológico de explicação. Foi justamente o fato de as operações cognitivas básicas da História (conseqüentemente a própria História) não se adequar as “leis gerais” de cunho determinista, que fez com que especialistas da ciência histórica pudessem refletir acerca de certa especificidade da História enquanto conhecimento.

É nesse contexto que nasce às chamadas teses “narrativistas”, teses que retomam a reflexão sobre o papel da narrativa na possibilidade de apreensão do passado pela História, fazendo com que a compreensão narrativa fosse supervalorizada na medida em que a explicação histórica perdia sua importância. Como se deu a ruptura entre um modelo de explicação exclusivo da História e os modelos explicativos derivados das “ciências da natureza”?

### **1.2.1 A ruptura**

Para uma elucidação do esfacelamento do modelo nomológico (RICOEUR, 1994, p. 176) é necessário que levemos em consideração uma perda de força gradual das filosofias da história de cunho teleológico. A recusa a essas filosofias da história é totalmente compreensível na medida em que, essas filosofias da história com pretensões universais serviram de legitimação para ideologias de cunho etnocêntrico, que muitas vezes praticaram uma assimilação não refletida com padrões metodológicos baseados nas “ciências da natureza”, que tinham como objetivo explicar o destino da humanidade, buscando o que seria “o fim da história”.

A falência dessas filosofias da história de cunho teleológico baseadas nas “ciências da natureza” foi um dos mecanismos que possibilitou que a ciência histórica se libertasse dos padrões normativos das “ciências da natureza”, que como ficara provado não levaria mais a humanidade ao ápice, ao “fim da história”, não sendo mais o único padrão a ser seguido no fazer do conhecimento humano, sendo agora até criticado.

Nessa crítica a subordinação da História as “ciências da natureza” dois nomes merecem ser destacados, William Dray e Georg Henrik Von Wright.

William Dray aponta uma dispersão lógica da explicação em História, abrindo caminho a reavaliação da compreensão narrativa, para Dray a lógica da escolha prática é mais útil ao historiador que a lógica da dedução científica, com isso o autor defende que a explicação por leis além de ser insuficiente, torna-se desnecessária. Como então deve ser o explicar para o autor?

Para Dray a explicação deve ser feita através da análise causal, entretanto, essa análise causal deve ser feita sem o caráter de lei, para isso é necessário que se observe uma “lógica particular” de cada fato. Para o autor, explicar é mostrar que o que foi feito era a coisa que era preciso se fazer, em vista das circunstâncias e das

razões. Explicar, portanto, é, justificar, sendo esse justificar, explicar de que modo a ação foi apropriada (RICOEUR, 1994, p. 186).

Georg Henrik Von Wright propõe uma explicação causal e uma interferência teleológica no interior de um modelo “misto”, a explicação quase causal, destinada a explicar o modo mais típico de explicação em ciências humanas e em História. Para o autor há uma conexão íntima entre explicação causal e escolha racional. Von Wright, tentando quebrar a dicotomia explicação–compreensão, atacava as tentativas de explicar ações humanas recorrendo à idéia da causalidade em sistemas fechados e propondo o “silogismo prático” como modelo alternativo às explicações de tipo causalista. Sustentando que uma explicação teleológica da ação é normalmente precedida pela compreensão intencionalística de alguns dados comportamentais, Von Wright distinguia “camadas” ou níveis nesses atos de compreensão. Em História, a explicação em um nível, freqüentemente prepara o caminho para uma reinterpretação dos fatos em um novo nível, gerando uma seqüência hierárquica de atos interpretativos captadores de significado, denominada pelo autor: interpretação explicativa.

### **1.2.2 A narrativa como centro do debate**

Como expressei antes, o princípio da narrativa passou a ganhar notoriedade no debate teórico da História quando, fez-se necessário a reflexão acerca da especificidade do pensamento histórico ao se tratar do padrão de racionalidade da explicação científica.

Como as operações cognitivas básicas do pensamento histórico não se adequaram a um modelo argumentativo com base em “leis gerais”, essa especificidade da História aparecia então como uma lacuna, foi aí que a narrativa pôde ser constituída como um modo de explicação, sendo Arthur Danto um de seus pioneiros, nascendo assim o paradigma narrativista (RÜSEN. 2001, p. 153-154).

Se por um lado a aproximação entre História e narrativa e conseqüentemente o modo de explicação via narrativa fora visto não apenas como

uma possibilidade, mas também como algo positivo, por outro, para defensores do modelo nomológico, a narrativa era um modo pobre demais para pretender explicar, apontando assim uma ruptura epistemológica entre História e narrativa. É justamente esse impasse, o de a narrativa ser ou não capaz de representar o passado que vem orientando o debate teórico da História até nossos dias, a nossa intenção, portanto, é saber se essa reconquista da narrativa justifica a esperança de que a compreensão narrativa adquira valor de explicação, em especial na medida em que a explicação em História deixa de ser medida pelo padrão do modelo nomológico.

O problema chave na questão da narrativa está justamente na reflexão acerca do papel dessa e sua relação com o “real”, ou seja, na vinculação entre discurso (que são construções elaboradas pelo historiador) e o “real” (BERBERT JÚNIOR, 2005, p. 14), como nos aponta Michel de Certeau:

A historiografia (quer dizer a “história” e “escrita” traz inscrito no próprio nome o paradoxo – e quase oximoron – do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer *como* se os articulasse [...]. (CERTEAU, 2000, p. 11).

Notamos no trecho citado uma relação conturbada entre o “real” e o discurso, sendo que a linguagem usada pelo historiador já não é mais encarada como um reflexo da realidade histórica. É nesse contexto que se estabelece uma crise epistemológica, que faz com que Teoria da História se torne um campo de disputa entre paradigmas opostos, o moderno e o “pós-moderno”, no qual a reflexão acerca do papel da narrativa está no centro da disputa, já que cada parte da disputa posiciona-se de formas distintas enquanto a produção de significado em História, na qual enquanto no paradigma moderno a ênfase está nos aspectos “gnosiológicos” no paradigma “pós-moderno” a ênfase está nos aspectos estéticos. Para melhor elucidação vejamos a explicação de Berbert Júnior:

As distinções de ênfase indicam a defesa de perspectivas totalmente diferentes radicalmente diferentes: no primeiro caso, defende-se que a história científica produz significado através do conhecimento; no segundo, sustenta-se que a atribuição do significado é de

responsabilidade do historiador, que é quem organiza a narrativa e impões sentido [...]. (BERBERT JÚNIOR, 2005, p. 14).

O que nos interessa aqui é justamente a questão da atribuição de sentido defendida pelos partidários do narrativismo e os ataques proferidos pela crítica anti-narrativista, que tem como o principal foco de sua crítica esses aspectos estéticos da narrativa, que aproxima a narrativa histórica a certo gênero da ficção literária.

Se esses aspectos estéticos aproximam a narrativa histórica da literatura, para ser mais exato de uma ficção literária, o que é então essa ficcionalidade? E como se dá a apreensão de sentido dos fatos ao texto histórico? No mais, o que seria então um fato? Para uma melhor elucidação acerca dessas questões buscamos auxílio em Jörn Rüsen:

Um fato é uma resposta à questão sobre “quando-onde o quê-como por quê?”. Um tal fato não possui sentido, significado ou significância especificamente históricos em si próprio. Ele se reveste desse sentido “histórico” apenas numa determinada relação temporal e semântica para com outros fatos. Essa relação é produzida pela interpretação histórica. De modo a tornar efetiva essa “historização” a interpretação histórica recorre a princípios de sentido, significado ou significância cujo estatuto ontológico é diferente do estatuto dos próprios fatos. Levando-se em conta a mera facticidade da informação das fontes, há ainda algo mais que apenas factual, na relação narrativa que qualifica os fatos como especificamente “históricos”. De modo a determinar essa diferença. Usa-se o termo “ficcionalidade”. Na medida em que a interpretação da uma forma narrativa à relação “histórica” entre fatos, o procedimento de interpretação está inteiramente relacionado à maneira de contar uma história (*tell a story*). O termo ficcionalidade “exprime” também essa situação. O processo instituidor de sentido da interpretação histórica aparece, sob o influxo desta categoria, como “um ato essencialmente poético”, do mesmo tipo de geração de sentido que se encontra na literatura e nas artes. (RÜSEN, 1996, p. 91-92).

É necessário ressaltar que Rüsen está fazendo uma leitura explicativa dos narrativistas no trecho citado, pra ser mais exato de Hayden White em: “Meta História: A imaginação histórica no século XIX” (WHITE, 1992).

A narrativa nesse caso é a operação mental que transforma a informação das fontes em algo com sentido e significado, ocorre que no momento da atividade

interpretativa promovida pelo historiador, ele é posto diante da necessidade de adotar certos procedimentos estéticos relativos à forma da narrativa que está escrevendo, isso consiste no que Hayden White chama de armação de uma intriga. E é justamente isso que permite que o texto supere a mera crônica tornando-se história propriamente dita: vejamos nas palavras do próprio Hayden White:

O modo como determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto dos acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, criadora de ficção. (WHITE, 1994, p. 102).

Rüsen chama atenção que com essa nova consciência das estratégias lingüísticas na construção e constituição de sentido na História, faz com que os historiadores voltem sua atenção para o ato de escrever história (RÜSEN, 1996, p. 93). O importante é que não apenas o conteúdo do texto de História é importante, mas também a forma que ele é exposto ganha considerável importância, pode-se falar em uma história "boa" ou "ruim" e não apenas em uma história verdadeira, isso dependendo da exploração consciente (no caso bem feita) dos recursos estilísticos. Há uma mudança até mesmo na forma que se trata o "real", pois, "*'real' perde a qualidade de absoluto ontológico, (...) para encarar-se como parte integrante do universo de sentidos instituído mediante diversas modalidades de codificação*" (LACERDA, 1994, p. 32), o "real" de fato, não é meramente o que é visado no texto, mas a maneira pela qual o texto visa esse "real", considerando a estratégia de sua escrita.

Segundo White cada cultura dispõe de certos arquétipos disponíveis para a tessitura de uma intriga, no caso do Ocidente são: a sátira, o romance, a tragédia e a comédia, que tem há muito servido aos historiadores em sua busca de sentido aos fatos trabalhados. Entretanto, é necessário ressaltar que a escolha desses arquétipos na maioria das vezes não é feita de forma consciente, afinal não há uma reflexão acerca de quais aspectos estéticos devem ser usados em sua narrativa, pois a forma dessas narrativas muitas vezes é determinada mais por implicação ideológica ou ética que por opções estéticas.

Os teóricos narrativistas não defendem que não existam diferenças entre a escrita ficcional e a escrita histórica, mas sim que ambas usam de artifícios comuns, no decorrer de sua escrita. O que ocorre é como esses artifícios, atributos performáticos comum tanto em uma obra ficcional quanto uma obra de História, é objetivado no decorrer da construção do texto de formas diferentes, enquanto o historiador se sente preso ao valor documental imputado à sua interpretação, o que dá a esse um caráter de veracidade; o ficcionalista conta com uma liberdade em relação a essa veracidade, sendo-lhe permitido criar situações e personagens imaginários sem ter a necessidade de uma comprovação documental (não que não o possa fazer). Apesar de historiadores e literatos usarem artifícios narrativos comuns, existe a diferença de atitude frente a esses recursos. Segundo Paul Ricoeur é justamente que distingue o historiador de um mero narrador, em que, o historiador:

É por isso que o historiador não é um mero narrador: dá as razões por que considera tal fator, mais que tal outro, como causa suficiente de tal curso de acontecimentos. O poeta cria uma intriga que também se mantém em virtude de seu esqueleto causal. Mas este não constitui o objeto de uma argumentação. Nesse sentido Northop Frye tem razão: o poeta precede a partir da forma, o historiador em direção à forma. Um produz o outro argumenta. E argumenta porque sabe que se pode explicar de modo diverso. (RICOEUR, 1994, p. 266).

A História é regida por atributos, ou seja, convenções disciplinares diferentes da literatura, já que o historiador tem como objetivo apresentar relatos sobre eventos históricos, enquanto o literato preocupa-se em apresentar uma narrativa verossímil algo que poderia ter ocorrido.

### **Conclusão (primeira parte)**

Notamos no decorrer de nossa investigação acerca da problemática envolvendo a narrativa e o conhecimento histórico, que esta está amplamente ligada as incertezas do estatuto cognitivo da disciplina histórica, e as tentativas de a História atingir o postulado de ciência, plena e autônoma.

Concluimos que, os argumentos narrativistas, atacaram aqueles que pretendem fazer História tentando a todo custo adequar seus estatutos na busca de um prestígio de ciência, criticando essa tentativa de adequação a uma racionalidade metódica de pesquisa científica, pois, com essa tentativa a História perdeu seu poder de produção de sentido em relação ao passado. Por outro lado, os narrativistas parecem depender excessivamente de procedimentos lingüísticos básicos para a construção de sentido, no transformar as informações das fontes em uma narrativa válida.

Como então escapar dessa ambivalência? Como os dois lados da disputa articulam seus argumentos? Existe algum ponto de concordância entre os dois lados do debate? Existe uma alternativa que privilegie a ambos? É em busca dessas respostas que faremos uma análise de artigos publicados envolvendo o tema na revista: "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*", no período compreendido entre 1987 e 1996 na segunda parte de nosso trabalho.

## **2. História e narrativa: análise da revista "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*" 1987 a 1996**

Ao analisar a revista "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*" no período proposto algo nos vem à tona rapidamente, o debate é bem mais amplo do que imaginávamos anteriormente, com isso, notamos que ao aproximar escrita da história e escrita ficcional, forçando uma reflexão sobre a capacidade de se apreender o passado faz com que se indague acerca da possibilidade do trabalho do historiador e conseqüentemente sobre a necessidade desse trabalho, nesse aspecto concordamos com Hans Kellner, vejamos o que ele diz:

The debate is not really over narrative and "science." It is about power and legitimation within the profession, not how best to present or conduct research. (KELLNER, 1987, P. 13).

Cada historiador responde a esse problema de uma forma, buscando argumentos para defender ou descartar a necessidade do historiador. Enquanto

alguns como Matt Oja, John Pasmore e Andrew Norman acreditam que o eixo da discussão seja a verdade em suas subseqüentes concepções, outros como Mark Bevir, Jerzy Topolski e Phillip Stambovsky enfocam no que diz respeito à escrita da História e a representabilidade do passado.

Mesmo enfocando aspectos diferentes os artigos publicados na revista no período estudado entrecruzam-se constantemente, a verdade é que assim como assegura Wulf Kansteiner (KANSTEINER, 1993, p. 278) o relativismo epistemológico de Hayden White gera um colapso na teoria e Filosofia da História. Ao buscarmos os artigos na "*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*" no período referenciado percebemos a notável importância de Hayden White para a discussão, afinal, dos 22 artigos analisados 16 citam o autor diretamente e os outros fazem alusões indiretas a esse. Além de Kansteiner (KANSTEINER, 1993, p. 273 – 295) que escreve um artigo para analisar o pensamento whiteano. Ao falarmos dessa importância de White obviamente não estamos dizendo que todos esses autores concordam com ele, mas que dialogam com esse, uns de forma amena e outros rispidamente.

Com essa breve introdução podemos adentrar de fato nos principais aspectos envolvendo a narrativa em História.

## **2.1 Semelhanças e diferenças entre a narrativa ficcional e histórica**

As aproximações da narrativa histórica e narrativa ficcional, levantadas por White já vinham causando certo desconforto na comunidade dos historiadores, entretanto, torna-se mais inquietante com suas considerações acerca da representabilidade histórica envolvendo o nazismo, assim defendido por Kansteiner:

The narrative strategies which we employ to make sense of our past evolve independently of the established protocols for gaining and asserting historical facts. This circumstance applies to all historical representations but is most disturbing when considered in the context of the representation of Nazism. (KANSTEINER, 1993, 295).

No que desenvolve a discussão sobre esse aspecto não é a aceitação ou a recusa da proximidade da narrativa histórica e a narrativa ficcional, mas sim quais os limites dessa semelhança, afinal, a questão das semelhanças entre ambas são tão claras e para muitos chocantes, que acabamos por não buscar e conseqüentemente vislumbrar as diferenças, o fato é que existe tanto semelhanças quanto diferenças envolvendo as duas formas de narrativa. Não é pelo fato de se usar elementos performáticos e estéticos em um texto que esse venha a ter um valor meramente estético, como nos lembra Passmore (PASSMORE, 1987, p. 69) ao concordar que um bom texto de História é sim literatura, mas nunca ficção.

No que diz respeito às semelhanças podemos destacar algumas, tais como: o uso de estruturas discursivas semelhantes, isso torna-se compreensível na medida em que consideramos que o Ocidente aprendeu a narrar sob certos tipos discursivos, fazendo assim o uso desses tipos para qualquer intenção narrativa, o problema é que, como ressalta Oja (OJA, 1988, p 111 – 124) aprendemos a fazer distinção entre graus de verdade, que podemos ligar com o que levanta Passmore (PASSMORE, 1987, p. 71), que crescemos em um mundo com verdades hierarquizadas. O que tudo isso nos interessa aqui? É simples, existe sim semelhança entre narrativa histórica e ficcional, o problema é que a narrativa ficcional se distancia do crivo da verdade científica, sendo vista por isso como um defeito.

Para ressaltarmos as diferenças levantamos alguns argumentos, tais como: o de Passmore de que o historiador tem a intenção de recontagem de um fato. Ou o argumento de Jörn Rüsen (RÜSEN, 1987, p. 87 – 97), de que a narrativa histórica tem a intenção de orientação do homem frente às dificuldades impostas pelo tempo, sendo a morte a mais temível delas, nos impulsionando à frente, a um futuro. Todos os que ressaltam a intenção de uma busca da verdade no que diz respeito à narrativa histórica, o problema é que cada um tem uma concepção de verdade própria, inclusive os que defendem que a narrativa histórica é a mesma que a ficcional, transformando assim a História em um ramo da literatura, cabe aqui o argumento de Cushing Strout (STROUT, 1992, p. 153 – 162) de que o

historiador tem uma ânsia pela verdade, não nos cabe aqui discutir o que é verdade para cada um dos autores, ou se a verdade existe ou não, nos restringiremos na intencionalidade da busca de uma verdade, seja ela qual for.

A superprodução historiográfica levantada por Frank Ankersmit (ANKERSMIT, 1988, p. 205 – 228) e ressaltada por Richard Vann (VANN, 1987, p. 1 – 14) e John Passmore, nos leva a uma questão, o problema em História agora não é verificar se o fato é verdadeiro ou coerente, mas sim, notarmos os pontos de vista diferentes em relação ao mesmo fato.

A questão é saber se é a narrativa que condiciona o fato ou se é o fato que condiciona a narrativa, trazendo com isso conseqüentemente limites ao passado. Na tentativa de aprofundarmos nessa questão notamos que autores como Ankersmit defendem que o historiador assim como um artista representa o passado, nesse caso através de seu texto, sendo esse condicionado por uma substancia narrativa, devemos assim segundo o autor, dar mais atenção à forma do que ao conteúdo.

What the historian does is essentially more than describing and interpreting the past. In many ways historiography is similar to art, and philosophy of history should therefore take to heart the lessons of aesthetics. [...] (ANKERSMIT, 1988, p. 228).

Por outro lado historiadores como Bevir (BEVIR, 1992, p. 276 – 298) defendem que uma boa história nada tem a ver com a forma com que ela é escrita, destacando que não estamos presos em uma prisão lingüística, que padroniza e condiciona os textos históricos, como podemos notar a seguir:

(...) More broadly, on my view the creative nature of the process of understanding means that we cannot specify in advance what evidence either historians in general or any particular historian will have to consider in order coming to understand a text correctly. We cannot lay down methodological requirements for good history. (BEVIR, 1992, p. 294).

Notamos que o escrever em História tem sido um motivo de notáveis controvérsias, entendemos que é sim necessário se estudar a lingüística para uma melhor compreensão da elaboração do resultado final do trabalho do historiador que é o texto histórico, entretanto, não acreditamos que esse trabalho esteja condicionado meramente a isso.

## **2.2 Mapeando**

No princípio desse trabalho nos propomos a mapear os possíveis lados da discussão, tentando ressaltar uma “terceira via” para a mesma. Notamos no decorrer de nossa análise dos artigos publicados na revista “*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*” no período proposto, que fazer esse mapeamento não é tão fácil quanto imaginamos, pois, se de um lado encontramos Ankersmit que propõe uma destruição do modelo de explicação moderno, por outro temos Donald McCloskey (MACCLOSKEY, 1991, p. 21 – 31) e George Reisch (REISCH, 1991, p. 1 – 20) que propõem um revigoramento do modelo hegeliano de explicação, esse é o ponto mais antitético contido no período estudado, tão distantes que não existem citações ou considerações de um lado em relação ao outro nos artigos averiguados.

No outro ponto podemos colocar todos os outros que fazem uma reflexão mais apurada de ambos os lados, mesmo tencionando-se para um ou para outro.

## **Considerações finais**

Kellner argumenta que toda essa problemática é boa para unir historiadores de pontos de vista diferentes, de fato ele está certo, pois, é o que ocorre em especial na revista “*History and Theory: Studies in the Philosophy of History*” trazendo discussões sob orientações e pontos de vista diversos sobre um mesmo tema, talvez não como acreditava Kellner para defender a profissão de historiador afinal alguns estão discutindo justamente para destruí-la.

Contudo, notamos sim a necessidade de darmos mais atenção à escrita da História, não por considerá-la a única parte importante da História, como defende Ankersmit, mas sim, por considerá-la importante, concordamos com Vann que traz Louis Mink para a discussão argumentando que a discussão deve ser feita em proximidade entre historiadores e críticos literários, o que segundo o autor não ocorre ultimamente.

Concordamos com o pensamento defendido por Oja, o qual podemos ver a seguir:

(...) I am operating under the assumption that there is no absolute qualitative difference between narrative history and narrative fiction. That is, I suggest that the two should be thought of not as qualitatively distinct genres but as opposite ends of a single continuum or spectrum. [...] (OJA, 1988, p. 112).

Acreditamos na inexistência de uma diferença qualitativa entre narrativa ficcional e narrativa histórica, porque cada uma tem um propósito diferente. Sendo ambas fundamentais para a orientação humana frente às dificuldades impostas pelo tempo.

Vimos que a discussão é ampla, necessária, acalorada, bem fundamentada e principalmente, ainda está longe de se esgotar, até por isso destacamos a necessidade de se estudar toda a discussão para uma melhor compreensão do ofício do historiador.

## Referências Bibliográficas

– ANKERSMIT, F.R. Historical Representation. **History and Theory: Studies in the**

**Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXVII – N 3, p. 205 – 228. 1998.

\_\_\_\_\_. Historiografia e pós-modernismo. **Topoi: revista de história do**

**Programa de Pós-Graduação em história Social da UFRJ**, Rio de Janeiro, 7 Letras, V.2, p.113-135. 2001.

\_\_\_\_\_. Historiography and Postmodernist. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXVIII – N 2, p. 137 153. 1989.

–BANN, Stephen. The odd Man Out: Historical Narrative and the Cinematic Image. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University Beiheft 26: “The Representation of Historical Events”. Middletown, Wesleyan University, p. 47 – 67. 1987.

–BERBERT JÚNIOR, Carlos Oiti. **A História, a retórica e a crise dos paradigmas**. 1998,218 f. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

–BEVIR, Mark. The Errors of Linguistic Contextualism. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXXI – N 3, p. 276 – 298. 1992.

–BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

–BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

–BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929 – 1989: A revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1990.

–CEBIK, L.B. Understanding Narrative Theory. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Beiheft 25: “Knowing and Telling History: the Anglo-Saxon Debate”. Middletown, Wesleyan University, p. 58 – 81. 1989.

–COSTA LIMA, Luiz. A narrativa na escrita da história e da ficção. In:\_\_\_\_ **A Aguarás do tempo: estudo sobre a narrativa**. Rio de Janeiro, Rocco, p. 15-121. 1990.

\_\_\_\_\_. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

- GINZBURG, Carlo. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. Enredo e verdade na escrita da história. In:\_\_\_ *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo, Contexto, p. 211-133, 2006.
- HANDLIN, Oscar. *A Verdade na História*. São Paulo: Martins Fontes, Brasília: Editora da UnB, 1982.
- HEEHS, Peter. Myth, history, and theory. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXXIII – N 1, p. 1 – 19. 1994.
- KANSTEINER, Wulf. Hayden White's Critique of the Writhing of History. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXXII – N 3, p. 273 – 295. 1993.
- KELLNER, Hans. Narrativity in History: Post-Structuralism and Since. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Beiheft 26: "The Representation of Historical Events". Middletown, Wesleyan University, p. 1 – 29. 1087.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Pasado: para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona/Buenos Aires/ México, Paidós, 1993.
- LACAPRA, Dominick. Chartier, Darton e o grande massacre do símbolo. **Revista Póshistória**, Assis-Sp, V 03, p 231- 253. 1995.
- LACERDA, Sônia. História, narrativa e imaginação histórica. In:\_\_\_\_\_ NAVARRO, Tânia. **História no Plural**. Brasília, Editora UNB, p. 09-42. 1994.
- LORENZ, Chris. Historical Knowledge and Historical Reality: A Plea for "Internal Realism". **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXXIII – N 3, p. 297 – 327. 1994.
- MCCLOSKEY, Donald N. History, Differential Equations, and the Problem of Narration. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXX – N 1, p. 21 – 36. 1991.
- MCCULLAGH, Behan. The Truth of Historical Narratives. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Beiheft 26: "The Representation of Historical Events". Middletown, Wesleyan University, p. 30 – 46. 1987.
- NORMAN, Andrew P. Telling it Like it Was: Historical Narratives on their own Terms. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXX – N 2, p. 119 – 135. 1991.
- OJA, Matt F. Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kis as Exemplars. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXVII – N 2, p. 111 – 124. 1988.

–PASSMORE, John. Narratives and Events. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Beiheft 26: “The Representation of Historical Events”. Middletown: Wesleyan University, p. 68 – 74. 1987.

–REISCH, George A. Chaos, History, and Narrative. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXX – N 1. p. 1 – 20. 1991.

–RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas SP. Papyrus, 1994.

–RIEDEL, Dirce Cortes (org). *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

–RORTY, Richard. *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

–ROTH, Paul A. Narrative Explanations: the Case of History. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXVII – N 1, p. 1 – 13. 1998.

–RÜSEN, Jörn. Historical Narration: Foundation, Types, Reason. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Beiheft 26: “The Representation of Historical Events”. Middletown, Wesleyan University, p. 87 – 97. 1987.

\_\_\_\_\_. *History: narration interpretation, orientation*. New York; Oxford: Berghahn Books. 2005.

\_\_\_\_\_. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. **Textos de história, Revista do programa de pós graduação da UnB, Brasília**, p. 75 – 101. 1996.

\_\_\_\_\_. *História Viva: Teoria da História III: Formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UnB, 2007.

\_\_\_\_\_. *Razão Histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Reconstrução do Passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2007.

–STAMBOVSKY, Phillip. Metaphor and Historical Understanding. **In: History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, XXVII – N 2. Middletown: Wesleyan University, p. 125 – 134. 1988.

–STONE, Lawrence. The Revival of Narrative: Reflections on a new old history. **History and Narrative Reader**, London/New York, Routledge, p.281-298. 2001.

–STONE, Lawrence. *The Revival of Narrative*. **Past y present**, n 85, pp 3-24. 1989.

–STROUT, Cushing. Border Crossings: History, Fiction, and Dead Certainties. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XXXI – N 2, p. 153 – 162. 1992.

–TOPOLSKI, Jerzy. Historical Narrative: Towards a Coherent Structure. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Beiheft 26: “The Representation of Historical Events”. Middletown, Wesleyan University, p. 74 – 86. 1987.

–VANN, Richard T. Louis Mink’s Linguistic Turn. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, Middletown, Wesleyan University, XVI – N 1, p. 1 – 14. 1987.

\_\_\_\_\_. Turning Linguistic: history and theory, 1960 – 1975. In:\_\_\_\_ ANKERSMIT, Frank / KELLNER, Hans. **A New Philosophy of History**.

–WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo, Cortez; Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1992. (parte I).

–WEHLING, Arno. Fundamentos e Virtualidades da Epistemologia da História: algumas questões. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1992, Vol. 5, N 10, P. 147, 169.

–WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In:\_\_\_\_ *A História Escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo, Contexto, p. 191-211, 2006.

\_\_\_\_\_. *Meta História: A imaginação histórica no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1992.

\_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo, Edusp, 1994.